





Olímpio Pimenta

LIVRO DE FILOSOFIA  
ENSAIOS



Belo Horizonte · 2006

Tessitura Editora

Editora

MARIA ADÉLIA VASCONCELOS BARROS

Revisão

ALDA LOPES DURÃES RIBEIRO

DUVAL VASCONCELOS BARROS

Projeto gráfico e capa

MARCELO BELICO

Ilustração

GUSTAVE DORÉ, IN *LE CHEMIN DES ÉCOLIERS*, 1861.

© Olímpio Pimenta, 2006

Todos os direitos reservados.

Tessitura Editora, Assessoria e Consultoria Ltda.

Av. Getúlio Vargas, 874/1503 - Savassi

30112-020 - Belo Horizonte/MG

(31) 3262-0616

[contato@tessituraeditora.com.br](mailto:contato@tessituraeditora.com.br)

[www.tessituraeditora.com.br](http://www.tessituraeditora.com.br)

---

P644l PIMENTA NETO, José Olímpio. 1964-  
Livro de Filosofia: ensaios. / José Olímpio Pimenta Neto.  
- Belo Horizonte: Tessitura Editora, 2006.  
88p. 14 x 19 cm  
ISBN: 978-85-99745-09-0  
I.Título. II. Filosofia. III. Ética.

CDD 170

CDU 17

Adotar os desejos dos outros é renegar os próprios. Mesmo entre os desejos nascidos em nós, há uma diferença a fazer: é preciso conhecer nosso desejo profundo.

Georges Roditi, *O espírito de perfeição*.



Para Alcyone, para os irmãos dela e para meus irmãos.



## Agradecimentos

Pelo convívio durante o ano sabático aproveitado para a elaboração do livro agradeço ao Roberto Machado, ao Miguel Angel de Barrenechea, à Anna, ao Pedro, à Lili, à Carmen, ao Kiko e ao José Thomaz Brum, todos no Rio de Janeiro, e em São Paulo, à Scarlett Marton, à Rosa Dias, ao Ivo, ao Fernando, à Ana Lima, ao Rubira , à Márcia e ao Alexandre Fusca.

Agradeço também à Maria Adélia e ao Duval Vasconcelos Barros, pois sem eles o livro não existiria.

Agradeço ainda ao CNPq, por essa e por outras.



## Sumário

Nota liminar	13
Por uma filosofia afirmativa	15
Algumas histórias russas	30
O que é a filosofia?	44
A filosofia entre Platão e Nietzsche	52
Sobre os usos da filosofia	60
Notas sobre o futebol que eu vi	69
Referências bibliográficas	81



## Nota liminar

Os textos seguintes têm como objetivo geral determinar um significado filosófico claro para a questão da afirmação da existência. Nesse sentido, buscamos explicitar em que consiste o afirmativo de acordo com o pensamento nietzschiano, tanto tomando em consideração os escritos do próprio filósofo, quanto tematizando outras obras e assuntos à sua luz. Pretendemos, assim, um esclarecimento da questão referida que valha para a leitura da obra de Nietzsche e para a interpretação de nossas próprias experiências cotidianas. Em suma, procuramos pensar a afirmação da existência a partir de Nietzsche, com Nietzsche e para além dele.



## Por uma filosofia afirmativa

They call me The Seeker  
I've been searching low and high  
I won't get to get what I'm after  
Till the day I die

Pete Townshend, *The seeker*

O debate a respeito de um sentido metafísico do mundo e de uma justificativa moral da existência contribuiu, desde muito cedo, para a formação do repertório nuclear da filosofia ocidental. Saber se há uma ordem inteligível subjacente a todas as coisas e se a vida humana se integra coerentemente a ela são preocupações que remontam, no mínimo, a Tales e a Anaximandro. E é notável que as sucessivas elaborações de tal temática estejam, por sua vez, no centro de algumas das tradições distintivas de nossa cultura.

Vislumbrada a magnitude do assunto e de seus desdobramentos, importa definir de pronto qual é a perspectiva a ser adotada para abordá-los, uma vez que o risco a evitar é um tratamento dogmático para eles. Isto porque é precisamente contra a universalidade de propostas envolvendo o “sentido metafísico” e a “justificativa moral” que vamos argumentar, de modo a determinar em que consiste a aproximação pretendida entre filosofia e afirmação.

Com efeito, no interior da história da filosofia, a exploração das questões mencionadas produziu resultados bastante heterogêneos.

Não obstante, é possível reconhecer a seu respeito a preponderância de duas orientações principais. Por um lado, há os que admitem, por razões variadas, a validade geral dos termos em que a discussão está posta, empenhando-se em construir suas soluções para ela de acordo com os limites inerentes a esses termos. Por outro, há os que duvidam da legitimidade das instâncias em que ela foi formulada, preferindo antes investigar o mérito das próprias perguntas a propor respostas para elas. Entre os primeiros figuram várias versões do idealismo, de Platão a Hegel, enquanto que, entre os outros, destaca-se o pensamento de Nietzsche.

Para este último, entender a constituição da realidade e situar o homem em relação a ela de acordo com este entendimento não são objetivos abstratos ou historicamente neutros. Ao contrário, surgiram a partir de demandas e de condições peculiares, chegando a variar até mesmo em função do temperamento de quem estivesse respondendo pela condução da pesquisa. A consolidação de um vocabulário que permite falar da “realidade” e do “homem” já é, por si só, indício de um sem número de escolhas, cujo suporte mais primitivo são valorações vitais. Isto porque, antes de tudo, o que sempre entrou em jogo, tanto cronológica quanto logicamente, foi a luta de indivíduos e comunidades para prover o que fosse necessário para sua subsistência, de modo que, a partir daí, florescesssem suas realizações mais altas. De mais a mais, a inscrição dos processos deliberativos de cunho racional na ordem de alguma necessidade social é um acontecimento recente na história da espécie,<sup>1</sup> o que recomenda cautela quando se for atribuir a eles seu devido papel.

---

<sup>1</sup> A escala cronológica que temos em conta é aquela sugerida por Nietzsche no afôrismo 110 de *A gaia ciência*, intitulado *A origem do conhecimento*, ao contrastar “enormes intervalos de tempo” em que “o intelecto nada produziu senão erros” com épocas posteriores, em que a verdade emergiu, inicialmente como “a mais fraca forma de conhecimento”. “Somente muito depois apareceu a verdade”, e somente muito depois ela conquistou uma posição defensável nas comunidades humanas. Cf. Nietzsche. *A gaia ciência*, p. 137-138.

Grosso modo, a admissão deste ponto de partida é o que promove o deslocamento assinalado anteriormente, tornando a meditação sobre a história de determinados sentimentos, apreciações e impulsos mais importante do que o estudo das intrincadas redes conceituais a eles sobrepostas. É assim que, em relação às perguntas feitas no começo, talvez a prioridade não seja buscar respostas amparadas em fundamentos teóricos sólidos, mas, muito diversamente, procurar esclarecer as avaliações que motivaram sua conversão em matéria obrigatória para a filosofia. Compreender sob que condições a questão do sentido pôde ser formulada e também para que forma de vida ela é relevante favorece a abertura de um caminho promissor para pensarmos a afirmação.

O que pede elaboração e parece estar na origem dessa reiterada demanda pelo sentido é o fato bruto do sofrimento humano. As perdas, as carências, os conflitos insolúveis, a ruína de nossos melhores esforços, o fim inevitável de todo deleite na existência – tudo isso está marcado no destino que a espécie cumpre cotidianamente. Em que pese o risco da simplificação, pode-se considerar que o enfrentamento dessas dores é polarizado entre duas sensibilidades antagônicas. O apetite para fazer frente ao perigo é o fiel da balança que compara seus respectivos caracteres. Quando o medo prevalece, tudo o mais perde a cor, e o vivente passa a agir em função das garantias para a sua segurança, das aquisições apertadas que constituirão seu tesouro. Quando o desassombro ganha terreno, vários móveis se apresentam, chamando para si o interesse das ações. A paixão pela segurança – de quem a noção de “verdades absolutas” é herdeira – passa então a competir com uma série de outros apelos, como a atração pela beleza, a honra ao mérito, a disposição para amar e ser amado, a sede de conquistas, enfim, tudo aquilo que a vasta e complexa rede dos humores é capaz de promover.

Ainda conforme Nietzsche, os dois metabolismos correspondentes às possibilidades sumariadas acima delimitam as fronteiras

entre saúde e doença, entre ascensão e decadência, entre o “*amor fati*”<sup>2</sup> conseguido no cultivo do trágico e o ideal da salvação pela via da transcendência. Por não ser objeto de uma apreciação unívoca, a experiência do sofrimento gera defasagens imensas entre as imagens do mundo produzidas para lidar com ela. Desejar sedação ou aproveitar o estímulo que a dor propicia consiste na alternativa básica disponível para quem vive, e o paralelo entre a aposta na vigência de uma teologia providencialmente orientada e a entrega entusiástica às transformações no tempo indica as formulações extremas dos termos de tal alternativa. Construir o laço entre filosofia e afirmação implica precisar o significado desse entusiasmo com o devir, e é nessa direção, portanto, que devemos avançar agora.

Uma mentalidade valorosa admite de bom grado que a guerra é a mãe de todas as coisas, ou seja, que tudo se faz por contraste, que tudo é conflito.<sup>3</sup> Contemplada desde qualquer ângulo a partir desta perspectiva, a realidade se apresenta como eterno choque entre os elementos que a compõem. Nada está fora do fluxo geral de todas as coisas, e o que veio a ser vem também a perecer. Até aí não há enigma, e do que foi dito se segue que, embora consista na esperança da maioria, nenhuma permanência incondicional tem lugar no mundo. Sob tal óptica, não se pretende a superação da contingência, pois as tensões que a atraíam têm a seu favor uma boa consciência. Indesejável seria o contrário: uma administração da experiência em que os desafios estivessem

<sup>2</sup> A respeito da expressão “*amor fati*” ver, por exemplo, o aforismo 276 de *A gaia ciência*, intitulado “Para o ano novo” (Nietzsche, *A gaia ciência*, p. 187-188), ou o parágrafo 10 da seção “Por que sou tão sábio” do *Ecce homo*, em que se lê: “Minha fórmula para a grandeza no homem é ‘amor fati’: nada querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas amá-lo”. Nietzsche. *Ecce homo*, p. 51.

<sup>3</sup> “A guerra é o pai de todas as coisas e de todas o rei; de uns fez deuses, de outros, homens; de uns, escravos, de outros, homens livres”. Heráclito, fragmento 53. In: Bornheim. *Os filósofos pré-socráticos*.

ausentes. Deste ponto de vista, não se vê na dor uma objeção à boa vida, mas um sinal de sua prodigalidade, já que somente nos confrontos aparece a oportunidade de vivências dignas de serem contadas. As perdas comovem não por mostrarem-se injustificáveis, mas porque, por contraste, exaltam a graça e a importância das peripécias de um enredo atraente. O ritmo acelerado do jogo das transformações é saudado como um estimulante e não se atribui a ele qualquer culpa por nossa condição miserável, no mínimo porque a existência passa a merecer outra avaliação.

O estado de ânimo ensejado por tais circunstâncias possibilita que as graves exigências da teodicéia sejam substituídas pelo elogio do prazer de jogar, aliado íntimo do prazer de viver. É também por esse motivo que a glória dos vencedores não funciona, neste registro, como um fim último, capaz de compensar os sacrifícios feitos em seu nome. Um triunfo final sobre as adversidades não é uma meta sedutora, pois a plenitude tem lugar na luta, e não na redenção. Em suma: só se faz jus à tremenda idéia de que o mundo é uma conflagração geral quando não se aspira a que ela termine em paz.

A grande diferença entre os tipos humanos esboçados resulta agora mais nítida. De uma parte, há os que se lamentam pela falta de um sentido totalizante a reger sua vida. Precisam de todo o consolo disponível, que lhes é assegurado pela devoção ao ideal. Estão envolvidos em duas confusões. Primeiro, enganam-se ao inverter as posições entre o resultado de suas expectativas e a origem delas. Um mundo apaziguado e sem tensões é o que querem encontrar, e é tamanha a fascinação que isto exerce que terminam por declarar que este tal mundo já estava lá antes, e que faltava apenas saber enxergá-lo – coisa que, afinal, conseguiram. O efeito pretendido – ou a fantasia sonhada – é tomado como causa. Segundo e mais sério engano: o cadeado está na porta, sentem-se seguros, sem se dar conta de que porta, cadeado e segurança decorrem da ação instruída pelo medo, que continua presente como matriz para o sentido de todo o arranjo.

Pelos meios indicados, a dura lógica do medo impõe a série completa das suas exigências.

De outra parte, há os que não se sentem intimidados diante de um mundo sem sentido, porque estão convencidos de que a criação de sentidos é uma prerrogativa sua. O choque, o conflito e os desafios são bem vindos, pois dão a eles as chances de festejar sua presença segundo o próprio modo de surgimento e desaparecimento das coisas. Para quem se encontra aqui, o que interessa é integrar-se ao movimento e interagir com ele. As trocas são sua atividade principal, no curso das quais o devir das aparências é configurado segundo suas predileções. Pouco importa que a direção dada aos eventos seja suscetível de ser dissipada: o que vale é entrar numa relação com o mundo em que abertura e reciprocidade forneçam os parâmetros para o andamento das jogadas.

De passagem, evitemos dois equívocos. Nada mais distante daqui que a defesa de uma mentalidade belicista, seja ela militar ou publicitária. As campanhas que esta conduz visam à conquista assegurada de objetivos dados, enquanto que o que está em consideração é o aprendizado de que não há nada que valha a pena apartado do movimento do mundo. Por outro lado, algum partidário da economia globalizada poderia se inclinar a favor da descrição feita, imaginando que ela se refere, em última análise, à circulação de capitais e de mercadorias. Serve para ele a mesma advertência: suas posições equivalem às de um crente, na medida em que o fluxo é tomado em função de metas fundamentalmente fixas. Uma relação custo-benefício otimizada e o respectivo aumento de lucratividade são princípios cuja companhia não nos convém.

Recapitulemos o itinerário já cumprido para podermos avançar. Admitimos que tudo colide, se agrupa e se desagrega, se configura e se destrói, e que isso, tanto pelo esforço que implica quanto pelas limitações e limites que impõe, produz as dores do mundo. Postulamos ainda que há estratégias e mesmo culturas distintas voltadas para a

elaboração dessas dores, e que o que é estranho à afirmação é o anseio de que tal processo culmine na auto-supressão dos conflitos. Mas, afinal, o que é exatamente essa disposição afirmativa com que estamos às voltas? A mais alta honra concedida a uma vivência é sua apropriação numa narrativa, seja qual for a modalidade desta. Desde sempre, contar uma história é tornar-se senhor de um pedaço da vida. Não para guardá-lo com ciúmes ou para prendê-lo a uma lição – propósitos, de resto, muito acanhados – mas para retribuir à vida, sob novas figuras, um tanto de seus dons, para criar com ela uma transação fluente e satisfatória. Ao inventar uma história, servimo-nos do que tiramos do mundo – memórias, imaginação, sucessos e fracassos, toda a copiosa plethora da experiência – para prover este mesmo mundo com um suplemento nosso. Ora: se o que o mundo oferece aos melhores de nós, e também ao melhor em nós, é o desenrolar de nossos conflitos, nos quais tudo o que podemos de excelente reluz quando lançado, a réplica mais verdadeira a este mundo é a criação de outros tantos enredos, em chave épica, trágica ou cômica. Neles é forjada nossa gratidão pela existência.

Em outras palavras, o que se afirma assim é um querer que não recue diante da mágoa perante algo que deu errado, por sua capacidade de apreciar o nexo intrínseco entre expectativas frustradas e o êxito e as alegrias – duas faces de uma mesma moeda. Partindo de uma apreciação positiva do conjunto das emoções humanas, desejar a composição de um modo de vida para o qual noções como pecado e arrependimento não façam sentido. Ao invés de cogitar sobre corrupção e queda, preparar-se para dar conta da pluralidade do mundo, ultrapassando a estreiteza de rubricas binárias como certo e errado, bem e mal. Não é à toa que a figura afirmativa típica é a do narrador, artista ou não, que se serve de tudo o que há para compor seus festivais.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Uma explicitação detalhada do que caracteriza o narrador na presente acepção está proposta adiante, em *Algumas histórias russas*.

É bom sublinhar que, mesmo que a filosofia tenha muito de recusa em seu serviço – indagação, dúvida, crítica e tudo o mais –, isto não impede, de antemão, sua aliança com a afirmação. Viver já é avaliar e selecionar, e o processo de deliberação em que se constitui a filosofia apenas refina e aprofunda as mediações através das quais a seleção é obtida – mais ou menos como o narrador faz com seu material. É um trabalho a um tempo cerebral e visceral, mobiliza tanto os sentidos quanto o espírito, e portanto depende de uma visada que consiga lidar com aquilo que um querer fraco e excludente não suporta.

Cumpre ter cuidado neste passo, evitando confundir as tarefas em questão com racionalizações ou redescrições de eventos difíceis de encarar. Nossa foco não está em erros de cálculo ou em desordens corrigíveis e dores evitáveis, precisamente porque os conflitos que formam o universo suposto pela presente reflexão são destituídos de fins. Dado que o mundo não reserva para a consciência um plano transparente de seu andamento, a esperança de uma regulação suficiente para o desempenho das ações humanas que seja emanada da consciência resulta pouco razoável. Isto não impede que continue havendo erros geradores de sofrimento, mas apenas calibra as expectativas em torno deles. Nossos feitos e malfeitos podem ser tomados à revelia de sobredeterminações transcendentais e a responsabilidade por eles nos é devolvida. Mas: trata-se de uma responsabilidade radical, pois vincula, em sua consumação, uma coexistência bem resolvida entre um corpo e sua história – séries normalmente opacas à consciência. Ambas as séries, corpo e história, são tratáveis e capazes de muita saúde, desde que, insiste-se, não se imagine que uma auto-ajuda formulada pela consciência irá servir para alguma coisa.

Convém repetir: são grandes as diferenças entre as vertentes em que se distribui a apropriação dos acontecimentos nos quais o mundo efetivo transcorre. O devir faculta muitas marcações distintas. O espectro dessas possibilidades vai desde o espírito mais desencorajado até o mais empolgado. No ponto mais frio da escala estão os que

enfrentam de má vontade as mudanças, preferindo acreditar que, na verdade, elas não são tão reais assim. De acordo com eles tem de haver, a título de compensação moral, um plano mais real de existência, em que o repouso sem riscos e uma saciedade passiva lhes serão assegurados. Esse ambiente superpopuloso acomoda os piores inimigos da afirmação, os chamados niilistas,<sup>5</sup> cuja maior motivação, talvez demasiadamente infantil, é evitar o desprazer, seja por meio do consumo, seja por meio da devoção. Em contrapartida a isso, do outro lado da escala, acham-se aqueles capazes de encarar sua presença dentro do tempo como oportunidade para o entusiasmo em relação ao mundo a que aludíamos anteriormente. Sua irredutível divergência em relação à maioria está radicada no assentimento dado por eles à dimensão da experiência, pois segundo sua estimativa o mundo é inocente e a vida nele é cheia de graça. Até os medos mais angustiantes são ocasião para o emprego de engenho e arte: tornamo-nos senhores deles, por exemplo, ao elevá-los à condição de histórias, nossas histórias.

Esse assenhoreamento afirmativo do sofrimento, alcançado através de sua tradução narrativa, pode desempenhar, inclusive, um papel formativo bastante relevante. A conduta de quem consegue realizar tais conversões pode adquirir um caráter exemplar. O criador desses casos é o primeiro protagonista da lição que ele, ao mesmo tempo, ensina e aprende. Imaginárias ou físicas, concretas ou fingidas, as dores que ele manipula são transformadas em motivo de contentamento para si mesmo – no que os que o acompanham podem vir a se espelhar. Ao consenso popular de que a vida é dura e de que o mundo, no mais das vezes, é cão, ele contrapõe noções próprias, que instruem os demais no sentido de aproveitá-los, vida e mundo, sem perder tempo reclamando. Encontrar e freqüentar os acessos que vão do

---

<sup>5</sup> Um exame completo do conceito de niilismo, de suas ocorrências e implicações para a obra de Nietzsche pode ser consultado em Araldi. *Nihilismo, criação e aniquilação: Nietzsche e a filosofia dos extremos*.

sofrimento a uma sua elaboração em grande estilo, eis a orientação mais valiosa a adquirir junto a um afirmador. Cabe adiantar que a exploração deste filão ético fornecerá a matéria da maior parte de nossa reflexão subseqüente.

Vale a essa altura uma digressão. À primeira vista, parece que nossa exposição pressupõe uma tomada de partido a favor de teses metafísicas de cunho relativista, ou que ela própria consiste em uma versão dessas teses. O engano dessa primeira interpretação vem do fato de que ela reconduz novas idéias à presença de velhos dilemas. A supressão da vigência dos registros “essência” e “aparência” permite ao pensamento trabalhar a partir de possibilidades pouco usuais. Ao minar as bases de um *parti-pris* dogmático, esclarecendo que a pretensa validade universal de algum juízo não passa de imposição de uma preferência, o modo de pensar em curso não é rebatido de volta ao campo do relativismo. A razão disto é que este campo já foi eliminado no mesmo movimento que excluiu do interesse da investigação o registro das essências ou do absoluto. Dado que relativismo e realismo formam um par sob a regência do segundo termo, se ele está em causa o triunfo de seu oponente não é favorecido, mas, muito ao contrário, torna-se também inviável.

Pode-se ainda arguir que já declaramos mais de uma vez que o mundo é assim e assado, e que isto nos obrigaría, sob pena de incoerência, a rever o que acaba de ser escrito. A isso replicamos que tal observação seria contundente caso estivéssemos submetidos a um regime de prova completamente formalizado, referido a um universo com leis evidentes e acessíveis à inteligência de todos. Porém, como assinalamos, não se trata aqui de estabelecer teses metafísicas, e sim de transcrever proposições desse gênero em uma pauta alheia ao ânimo que engendra metafísicas. O que poderá testar se existe ou não algum significado relevante no que propomos é uma experiência – a experiência de incorporação a alguma forma de vida de uma visão de mundo a um tempo crítica e alegre com seu poder. O caráter das

noções que balizam nosso raciocínio – a admissão do devir soberano e sua saudação por um espírito afirmativo – segue sendo conjectural, pois não tencionamos com elas explicar o que é o real, mas apenas aludir aos acontecimentos desde uma perspectiva dada. Uma visão filosófica ontologicamente deflacionada pode ser o caminho para o retorno à admiração diante do mundo, contra-veneno ativo para o niilismo.

Prosseguindo em nossa apresentação do que é o afirmativo, cabe considerar dois elementos em torno dos quais pode-se articular com proveito a explicitação de aspectos centrais do tema. São eles o conflito, circunstância decisiva na constituição de um universo visado como *vir-a-ser*, e a ambigüidade, consequência irredutível da ausência de determinações essenciais a mediar as relações entre as partes que compõem esse universo.

Segundo as linhas firmadas anteriormente, é plausível pensar que o mundo da experiência consiste na contínua eclosão de conflitos interligados. Nesse ambiente, o que há por toda parte são choques entre ilimitado e limite, meio amorfo e forma, ordenamento e indiferença. O mais instável sucumbe diante de arranjos de forças mais duradouros e é posto a seu serviço, e um sem número de pares surge no decurso de um processo que é jogo e agonismo, disputa e brincadeira. Desejo e lei, antigo e novo, civilização e barbárie, medida e desmesura, necessidade e liberdade, necessidade e acaso... a lista tende a não ter fim. Do fundo sem fundo do devir saem a vida, a morte, o vínculo tenso entre ambas e, na melhor das hipóteses, um voto a favor do conjunto todo.

O panorama vislumbrado pode causar vertigem. Contudo, à percepção desses abismos infinitos não se segue, forçosamente, o horror. O que uma sabedoria afirmativa aspira a mostrar é justamente que um mundo assim concebido resulta num espetáculo que demanda atores à sua altura. Não é por não dispormos de um fundamento de última instância para nossas decisões que estamos fadados à anarquia ou à desolação. A responsabilidade que emerge então é a que se exige de

um criador, capaz de sustentar a partir de si mesmo os compromissos que firmou. Bem entendido: não se trata de apostar numa *persona* de bronze, inflexível, mas de cultivar um repertório versátil a partir dos talentos disponíveis. Este si mesmo não é uma escultura a ser acabada um dia, mas um canteiro conformado segundo condições peculiares, em que podem ser preparadas umas tantas arrumações. Serão boas ou ruins em vista da aclimatação do jardineiro às injunções da afirmação do devir. Sem querer contestar concepções autorizadas a respeito do ponto, soa cabível para nós que no homem comum também se pode buscar o herói – não pelo rebaixamento deste, mas pela elevação daquele.

O segundo ponto assinalado há pouco diz respeito à ambigüidade inerente aos próprios termos componentes dos conflitos. Na ausência de determinações essenciais, a consolidação do caráter de qualquer coisa está sempre sujeita a flutuações importantes. A fixação de identidades, valiosíssima em inúmeros contextos, depende da supressão de peculiaridades que, se levadas em conta, tornariam inviável que se completasse a identificação. Quanto mais rica uma descrição objetiva, mais próxima de dois paradoxos ela fica. Por um lado, quanto mais se tira maior fica, isto é, quanto mais se elimina o que não se sabia sobre algo, acrescentando informações a seu respeito, tanto maiores ficam as fronteiras a serem visitadas à sua volta. Por outro lado, quanto mais se inspeciona uma coisa, maior a chance de se topar com as tensões que a configuraram, fazendo dela o que ela é. Se houvesse em algum lugar uma oposição absoluta entre termos totalmente definidos – fossem eles princípios ou valores –, a ambigüidade poderia vir a ser afastada do mundo. Mas como tal lugar só existe na fantasia de quem precisa, a todo custo, de evitar situações de conflito, não nos parece que valha à pena tomá-lo em conta. Com isso, as ambigüidades confirmam sua vigência e os conflitos se aprofundam, exigindo um ânimo especial para assimilá-los. Assim, por exemplo, para grande perturbação do espectador, que nela reconhece sua alma dividida, uma personagem trágica diz: “esta parte estranha

também é minha, isto também sou eu". O desafio para ela e para nós está em harmonizar essas dissonâncias.

A par disso, cumpre marcar uma diferença. Se a relação entre luz e sombra é o que faz existirem a luz e a sombra, tal não implica que seja possível uma solução dialética capaz de suprimir suas singularidades num plano superior de realidade, eliminando os paradoxos envolvidos na relação ambígua entre as oposições. É trivial, mas não custa anotar, que nunca é indiferente que partido tomamos ao longo do percurso entre os móveis de nossas ações, por mais equívocos que eles sejam. As doações de sentido e as avaliações pelas quais vivemos são o que nos tornam o que somos, conferindo-nos uma feição inconfundível. Como já foi dito delas, em sociedade com a experiência do corpo, constroem nossa história. Daí que reconhecer as ambigüidades é ganhar em agudeza, favorecendo a configuração exata de tipos, passo necessário na direção de fazê-los dignos de figurar num conto. Revendo uma fórmula conhecida, pode-se dizer que, embora o caminho que leva para o alto seja o mesmo que leva para baixo, alto e baixo nunca são o mesmo, não coincidem e tampouco admitem uma conversibilidade recíproca.<sup>6</sup> A soma entre eles é sempre mais ou menos do que zero.

De volta ao início do assunto, parece-nos que o desenvolvimento de nossa argumentação permite que localizemos a reforma proposta para a questão do sentido numa intersecção entre os domínios da ética e da estética, tomados como o lugar próprio para o desempenho das tarefas relativas à avaliação dos valores com os quais se vive. Repetindo uma última vez, o horizonte sob o qual nos movimentamos é delimitado a partir de duas balizas: a idéia de que os conflitos e a mudança são perpétuos e a idéia de que só se faz jus à existência sob tais condições se se é capaz de querer integrar sua vida a elas, prescindindo do

---

<sup>6</sup> "O caminho para baixo e o caminho para cima é um e o mesmo". Heráclito, fragmento 60. In: Bornheim. *Os filósofos pré-socráticos*.

apelo a qualquer fundamento fora do jogo do devir. Sob esta luz, uma brevíssima ponderação acerca do fenômeno do trágico<sup>7</sup> – tomado um tanto à revelia de sua acepção clássica – pode reforçar o que se pretende ao fazer convergir em torno do sentido as reflexões ética e estética.

O grande sofrimento que demanda a criação do trágico não seria resultado de um erro de cálculo ou de um excesso que teriam conduzido alguém a uma posição extremamente alta ou baixa em relação às tradições de sua comunidade e às leis que ela julga naturais. Tal sofrimento decorreria antes da compreensão de que os conflitos estruturam o mundo e de que a existência é inexoravelmente mediada por eles. Diante dessa compreensão, a alternativa que se abre dispõe, de um lado, uma recusa e, do outro, uma aceitação. Por inapetência para correr riscos, por desgosto em função da idéia fixa de que todas as coisas chegam ao fim, uns inventam cenários avessos a tudo o que é transitório e passam o tempo a sonhar com a redenção que alcançarão alhures. Sob esse escudo, defendem-se de suas aflições, encontrando na depreciação da vida o estímulo latente para seu agir. Por apetite para desafios e por interesse em aproveitar a experiência para inventar histórias e, com elas, brincar com o que vai acontecendo, outros prezam os encantos da vida contingente. Aceitam os presentes variados que a existência dá, despreocupados quanto à fatalidade de que o contraponto para o exercício da sua força de criar será, um dia, sua aniquilação. Pois isto também é um assunto excelente, isto também é motivo para seus casos e suas conversas.

Embora seja temerário juntar a essa atitude o nome do trágico, pois não se cumpre por seu intermédio nenhuma purificação cívica e nem se honra com ela qualquer divindade, um nexo profundo reúne os dois lances, se os tomamos como manifestações de um mesmo

---

<sup>7</sup> Para um estudo detido do trágico em função dos interesses que norteiam esse estudo ver Andrade. *Para não ler ingenuamente uma tragédia grega: ensaio sobre aspectos do trágico*; Machado. *Zaratustra: tragédia nietzschiana*; Szondi. *Ensaio sobre o trágico*.

*pathos*. Como alega Nietzsche, ingressa no âmago do trágico todo homem disposto a apreciar a existência sem exclusão de seus aspectos mais difíceis e problemáticos. Descontadas todas as variáveis de contexto, este é o norte inflexível de quem pretende viver e pensar tanto em chave afirmativa quanto em chave trágica. A vida assim se mostra perfeita, torna-se desejável acima de tudo: queremos sempre mais dela, e não à toa começamos por reproduzi-la com nossas histórias. A beleza do programa é evidente: sem o abrigo de um ordenamento cósmico estável e sem garantias tradicionais para legitimar nossas ações, dependemos de um aperfeiçoamento contínuo para vivermos com dignidade a partir de nossa situação, ali chamada de destino. Existem alguns fatos: este corpo, esta época, o trabalho diário sobre as possibilidades limitadas de cultivo que devem ser reconhecidas por alguém em si e à sua volta. Sobre tais fatos incidem as deliberações que nos permitem pertencer à comunidade dos homens.

Nesse ponto, cessam as coincidências entre tragédia e afirmação, uma vez que, através de um encaminhamento filosófico afirmativo, o duríssimo problema da justiça resolve-se da maneira seguinte. Admitida a igualdade original dos indivíduos em face dos conflitos do vir-a-ser, que cada qual se aplique em tornar válidos seus compromissos, gerando e sustentando as singularidades que compõem seu trajeto na terra. A narração do percurso, travessia, se encarrega de estabelecer a devida distância entre as realizações atingidas em seu cumprimento. A aquisição, por alguém, de um ritmo característico, que imprime uma marca clara em seus sonhos e em suas ações, figura no ponto mais elevado do exercício de uma filosofia associada à afirmação.

Em conclusão: aprender e ensinar a paciência e o amor, não em relação à vida eterna, mas em relação à vida contingente são, segundo nos parece, a tarefa e a experiência próprias de uma filosofia que afirma a existência. Em seu interior, a questão do sentido resulta transfigurada, pois não se trata mais de justificar o mundo, mas de participar de sua festa.

## Algumas histórias russas

Muito do brilho que irradia da prosa russa escrita entre o século dezenove e a época da revolução é devido à variedade das obras primas que a constituem. Um largo sobrevôo pela superfície desse universo permite-nos evocar panoramas narrativos cuja freqüentação reserva um sem número de horizontes a explorar.<sup>1</sup> Conviver com as tensões e complexidades da alma humana, apresentada em tintas fortes por uns e examinada a frio por outros,<sup>2</sup> visitar as cavernas da culpa,<sup>3</sup> escutar em mil versões os cantos do amor total, do amor que acaba e do que nunca foi de verdade,<sup>4</sup> conhecer o delírio dos santos e a razão dos compulsivos,<sup>5</sup> andar pela paisagem da lua na planície e experimentar aí nossa sétima solidão<sup>6</sup> – tudo isso são dons que o leitor recebe ao se aproximar desses domínios. Também neles a questão social converte-se

---

<sup>1</sup> O elenco de referências indicado nas notas abaixo foi ditado pela memória, sendo, portanto, bastante aleatório e lacunar. Suas rubricas respectivas são também flutuantes, pois nenhuma das obras citadas restringe seu escopo aos limites do domínio demarcado. Trata-se, enfim, de uma série muito mais sugestiva que probante, compilada a partir de alguns traços mais enfáticos das histórias lembradas.

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, o contraponto entre Dostoievski. *Memórias do subsolo* e os contos “Angústia”, “Desgraça alheia”, “Vanka”, “Desregramento”, “O sapateiro e a força maligna”. In: Tchekhov. *O homem no estojo*.

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, Dostoievski. *Crime e castigo*; Andreiev. *Judas Iscariotes* e *Os sete enforcados*.

<sup>4</sup> Ver, por exemplo, Pushkin. A nevasca. In: *Contos de Belkin*; Tolstoi. *Anna Karenina* e *Sonata a Kreutzer*; Dostoievski. *O eterno marido* e *Noites brancas*.

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, Tolstoi. *Padre Sérgio*; Dostoievski. *O jogador*.

<sup>6</sup> Ver, por exemplo, Tchekhov. *A estepe*; Dostoievski. *O idiota*.

em um *topos* incontornável para o pensamento,<sup>7</sup> e os dilemas morais que medeiam as relações entre um mundo rural e outro cosmopolita, entre o que é consagrado pela tradição e o que é introduzido pela modernidade, entre o próprio e o estrangeiro, recebem um tratamento paradigmático.<sup>8</sup> Em seu interior, nossa compaixão e nossa crueldade são excitadas até o limite, e o valor da vida é apreciado sob condições extremas.

Em relação às possibilidades levantadas por este último ponto, pretendemos tomar em consideração, ainda tendo como norte a afirmação em Nietzsche, algumas narrativas curtas de autores centrais daquela constelação – procurando não descuidar, apesar de recolhê-los em conjunto, das grandes diferenças existentes entre eles quanto a temperamento, propósitos e realizações. Temos em vista os contos “Uma história enfadonha”, de Anton Tchekhov<sup>9</sup> e o célebre “O capote”, de Nicolai Gogol,<sup>10</sup> à análise dos quais associaremos, por alusão, a novela “Minha vida”<sup>11</sup> e o conto “A briga entre os dois Ivans”,<sup>12</sup> escritos, respectivamente, pelos mesmos autores. O esclarecimento de conceitos e de compromissos que articulam a opção por uma filosofia afirmativa permanece como nosso objetivo principal.

A primeira história referida, que tem o subtítulo “Das memórias de um homem idoso”, é narrada em primeira pessoa pelo emérito professor universitário Nicolai Stiepanovich de Tal, homem de ciência, sábio de reputação internacional, a cujo nome habitualmente se acrescenta, quando citado do alto das cátedras: “conhecido e respeitado”.<sup>13</sup> Trata-se, sem margem para dúvida, de uma personalidade honrada,

<sup>7</sup> Ver, por exemplo, Tolstoi. *O diabo e outras histórias*; Pushkin. A filha do capitão. In: *A filha do capitão e O jogo das epígrafes*; Gorki. *Contos*.

<sup>8</sup> Ver, por exemplo, Turgeniev. *Pais e filhos*; Liermontov. *O herói do nosso tempo*.

<sup>9</sup> Tchekhov. Uma história enfadonha. In: *O beijo e outras histórias*.

<sup>10</sup> Gogol. *A cidade do sossego* e *O capote*.

<sup>11</sup> Tchekhov. *Minha vida*.

<sup>12</sup> Gogol. A briga entre os dois Ivans. In: *A cidade do sossego* e *O capote*.

<sup>13</sup> Tchekhov. Uma história enfadonha. In: *O beijo e outras histórias*, p. 101.

de um homem que é um par entre os melhores. E, no entanto, feitas as apresentações iniciais, marcadas pela convergência quase milagrosa entre sobriedade e eloquência, nosso professor deixa de lado suas virtudes públicas e se concentra na descrição de sua própria figura, cujas características físicas revelam uma fragilidade que em muito contrasta com a grandeza e a determinação que emanavam daquela *persona* mostrada antes. Estamos na presença de um velho alquebrado, que sofre de insônia, “calvo, com dentadura postiça e tique incurável”.<sup>14</sup>

Chegamos a saber, em seguida, que ele mora com a esposa e a filha, aquela uma senhora consumida pela preocupação com as despesas da casa, esta uma moça um pouco frívola e em idade de casar, ambas às voltas com um pretendente que procuram cativar a todo custo, sobre o qual recaem suspeitas do futuro sogro. Deslocando-se entre esse cenário doméstico e o prédio da escola de medicina, o narrador prossegue, sem rodeios, na descrição e na avaliação dos tipos que dão corpo ao conto. A esta altura já o reconhecemos como um observador agudo do cotidiano, como alguém totalmente destituído de ilusões e que, assim, aprecia em chave cética as possibilidades do seu dia. Mas não é o caso de que a esse espírito tenha faltado a paixão, nem tampouco, para aproveitá-la, um talento muito cultivado pela experiência. Pois ele foi excelente no desempenho de seu ofício em sala de aula, provando-se um mestre completo:

Tenho na frente cento e cinqüenta rostos, que não se parecem entre si, e trezentos olhos que me encaram bem de frente. O meu objetivo é vencer essa hidra de muitas cabeças. Se em cada momento da minha aula tenho uma noção nítida do grau de sua atenção e da intensidade de sua aprendizagem, ela está em meu poder. O meu outro inimigo aloja-se em mim mesmo. É a variedade infindável de formas, fenômenos e leis, e o grande número de pensamentos meus e alheios por eles condicionados. A cada momento, devo ter a agilidade de arrancar

---

<sup>14</sup> Tchekhov. Uma história enfadonha. In: *O beijo e outras histórias*, p. 102.

desse material imenso o que é mais importante e necessário e, com a mesma velocidade com que ocorre meu discurso, revestir o meu pensamento de uma forma que seja acessível à compreensão da hidra e que desperte sua atenção, sendo então necessário vigiar com muita perspicácia para que os pensamentos se transmitam não na medida do seu acúmulo, mas numa ordem determinada, indispensável à correta composição do quadro que eu quero pintar. Em seguida, procuro fazer com que meu discurso tenha estilo literário, as definições sejam breves e exatas, a frase, se possível, singela e bonita. A cada momento, devo frear-me e lembrar que tenho à disposição apenas uma hora e quarenta minutos. Numa palavra, não falta trabalho. Ao mesmo tempo, é preciso fazer de si um cientista, um pedagogo, um orador, e as coisas vão mal se o orador vence o pedagogo e o cientista, ou vice-versa.<sup>15</sup>

Mas tudo isso, diz-nos o narrador, já não é mais assim, porque ele sabe que tem poucos meses de vida pela frente, sendo esta a luz implacável que ambienta sua história e que o consome em sua vigília.

Nesse passo a narrativa se adianta, trazendo para a cena a personagem de uma menina, posta sob a tutela do professor alguns anos antes do tempo em que transcorre a narração. De novo, a composição do conto realiza um movimento magistral, pela combinação entre nitidez e sutileza: o tom sombrio que aparecia como consequência da claríssima consciência da morte iminente cede espaço, por instantes, para a radiosa vivacidade da jovem Kátia. Não que o destino atual dela seja auspicioso, mas a lembrança das primeiras impressões provocadas por sua companhia guarda muita maravilha: “os seus olhos expressavam sempre o mesmo: ‘Tudo o que se faz no mundo é belo e inteligente’”.<sup>16</sup> Ocorre que, tendo dedicado sua energia e parte substancial dos recursos de sua herança ao teatro e a ligações dele decorrentes, esta mulher alegre e confiante viu frustradas as suas expectativas.

---

<sup>15</sup> Tchekhov. Uma história enfadonha. In: *O beijo e outras histórias*, p. 111.

<sup>16</sup> *Ibidem*. p. 118.

Ao longo dos anos, as advertências bem intencionadas de seu tutor terminaram por irritá-la ainda mais, e o estado de suas relações agora já não é amistoso como antes. A indolência tomou conta dela, sobrepondo-se à curiosidade inerente à sua primeira natureza, e o ânimo altivo do homem que a ama como um pai ressentido disso.

Apesar de tudo, os dois mantêm conversas freqüentes, e é através dos seus diálogos que Tchekhov dá a ver o mérito do enredo em estudo. O declínio das forças de nosso herói, que torna tão acerba sua reflexão crítica sobre seus próximos e sobre si mesmo, contribui em cheio para a manifestação de uma probidade exemplar. Ele constata não dispor de uma idéia geral que reúna as suas vivências, e aquilo que seria sua concepção do mundo está se desagregando junto com seu corpo. Em suma, as noções capazes de fornecer um sentido global para sua existência são insuficientes. E, não obstante, ele diz a sua pupila:

E, como você vê, os meus sonhos se realizaram. Recebi mais do que ousara sonhar. Durante trinta anos, fui um professor amado, tive colegas excelentes, desfrutei uma fama honrosa. Amei, casei-me por paixão, tive filhos. Numa palavra, se olharmos para trás, toda minha vida me aparece como uma composição bonita, talentosamente executada. Agora, só me resta não estragar o final. Para isso, é preciso morrer como um homem ... com ânimo e de alma tranqüila.<sup>17</sup>

Já se adivinha o que isso significa para nós, voltados para a afirmação. A presença de um ideal que aponta para o absoluto pode ser consoladora, mas presta-se a escamotear os dados efetivos de nossa condição. Em oposição ao que Nietzsche chama de “pessimismo da força”,<sup>18</sup> construções metafísicas totalizantes são um sedativo que convém aos incapazes de lidar com a dor e o medo inerentes à existência.

---

<sup>17</sup> Tchekhov. Uma história enfadonha. In: *O beijo e outras histórias*, p. 134.

<sup>18</sup> Nietzsche. Tentativa de autocritica. In: *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*, p. 14.

De modo diverso, para esse gênero de pessimistas, ao qual alinhamos o personagem de Tchekov, saúde e doença são indícios de distintas compleições da alma. Se acontece ao professor o desaparecimento de uma idéia geral de sentido juntamente com o fim da vitalidade física, isto não implica morbidez, mas, muito ao contrário, saúde. Pois ele não renuncia à sua lucidez, e não permite que sua integridade seja contaminada pela debilitação de seu organismo, como é comum em arrependimentos, conversões e epifanias *in extremis*.

O desfecho do conto comprova a medida da retidão de seu protagonista. Ele viaja para o interior, decidido a investigar as alegações do noivo de sua filha sobre suas origens familiares, vindo a comprovar que aquele não passava de um aventureiro à caça de um dote. Tarde demais, pois o par aproveita-se de sua ausência para casar-se em segredo. No hotel em que ele está, recebe ainda uma vez a visita de sua querida Kátia, que chega tomada de grande agitação, em busca de conselho a respeito do que fazer em relação a um amigo comum que a corteja com insistência. A inteligência e a vontade do professor se unem num último esforço, e ele se abstém de dar a ela qualquer orientação. Não poderia agir de outro modo. A mulher se retira aborrecida e ele está agora definitivamente só.

Não é o final feliz de uma história edificante. Contudo, destacam-se aí duas conquistas notáveis. Primeiro, o apuro formal e o gênio da concisão alcançaram um grau de excelência que nos encanta para sempre: é muito bom viver num mundo onde se pode ler Tchekhov. Segundo, foi-nos dado contemplar uma vida nobre, cuja perfeição reside no arranjo equilibrado entre os feitos e as impossibilidades. Em contraponto ao balanço penoso que pode ser então efetuado – afinal, não coube ao herói promover a felicidade daqueles com quem mais se importava –, aduzimos nossa conjectura sobre o caráter afirmativo dessa vida e, por extensão, dos propósitos de quem a criou. Não há nela qualquer transigência em relação ao que apequena nossa humanaidade – esteja isso nos cuidados mesquinhos de uma mãe demasiado

aflita, nas vaidades infantis de uma filha aburguesada, nas trapaças de um arrivista ou no desleixo acomodado de quem recebeu um golpe duro e desistiu de combater. A coragem que suporta uma tal disposição não é cega e reconhece os limites que lhe são intransponíveis, embora jamais se furte a exercer-se. Com isso, ela nos diz que a plenitude possível não está no resultado do desafio enfrentado, mas no fato de ele ser enfrentado com galhardia. Ao inventar uma história como essa, por sua vez, o escritor coloca em sua arte o sinal do afirmador.

Pela ocasião dos cinqüenta anos da morte de Tchekhov, no ano de 1954, Thomas Mann dedicou-lhe um ensaio. Reservou lá um lugar especial para o conto enfocado aqui, sugerindo-nos inclusive a curiosidade sobre o parentesco entre seu Gustav Aschenbach de “Morte em Veneza”<sup>19</sup> e Nicolai Stiepanovich, embora aquele tenha sucumbido exatamente onde este triunfou. Suas palavras nos propiciam um arremate preciso para essas considerações sobre

“Uma história enfadonha”: “À pergunta da pobre Kátia: ‘O que devo fazer’, só se tem a resposta ‘Palavra de honra, não sei’. E mesmo assim trabalha-se, contam-se histórias e se forma a verdade na obscura esperança, na quase certeza, de que verdade e forma serena realmente atuam libertando psiquicamente, e podem preparar o mundo para uma vida melhor, mais bonita e mais justa para o espírito”.<sup>20</sup>

Como se sabe, oito anos separam a morte de Gogol, em 1852, do nascimento de Tchekhov. De resto, os dois têm pouca coisa em comum, ressalvada a circunstância de terem tido vidas breves – 43 anos no caso de um, 44 anos no caso do outro – e raízes familiares no campo, às quais as primeiras narrativas gogolianas devem sua inspiração. Todavia, não sendo ele um retratista, mas antes um fabulador, a vida agrária e provinciana sai de sua pena transfigurada e dotada de

<sup>19</sup> Ver Mann. Morte em Veneza. In: *Morte em Veneza*. Tônio Kröger.

<sup>20</sup> Mann. Ensaio sobre Tchekhov. In: *Ensaios*, p. 58.

um apelo universal. Importa assinalar também que ambos compartilham um olhar a um tempo refinado e caloroso sobre seu país, em que pese a distância entre o acento ora lírico, ora seco, que envolve o racionalismo tchekhoviano e as tendências melancólicas de Gogol, que chegam a resvalar para o místico.

Saindo da atmosfera de contenção que cerca a escrita de Tchekhov, atingimos agora um território literário que é quase como o seu antípoda. O reino extravagante de Gogol comporta, dentro de suas fronteiras, elementos do sonho e do *nonsense* que, manipulados com uma habilidade burlesca única, tornam disponíveis ao leitor cifras muito proveitosas para sua movimentação no âmbito da experiência diária. A maestria do artista está em ajustar o extraordinário e o rotineiro, o deveras implausível e o muito habitual, produzindo entre essas esferas um fluxo contínuo. Decorre daí que o consenso sobre a distinção entre o prosaico e o poético ou entre o efetivo e o onírico pode ser suspenso, na medida em que tais instâncias vão sendo integradas em um amálgama homogêneo, dentro do qual os paradoxos se convertem em fonte de sentido. O festival de máscaras em que consiste essa obra perturba a divisão metafísica da realidade entre essência e aparência, tão cara ao bom senso, lançando de volta o mundo no seio do devir soberano. Num rápido esboço, esta é a perspectiva singular que responde pela narração de “O capote”.

O enredo do conto é simples. Um funcionário de uma repartição pública, amanuense por profissão e aspirações, resolve, depois de tortuosa deliberação, providenciar para si um capote novo. Sua capa surrada já não o protegia mais do frio de São Petersburgo, e o alfaiate consultado declara ser impraticável reformá-la. Vencidos os escrúculos de ordem financeira, a encomenda é tratada e executada, e ao termo do prazo nosso funcionário dispõe de uma bela roupa nova. Ao chegar ao serviço envergando contente o tal capote, o insignificante Akaki Akakievich converte-se no centro das atenções. É chamado para uma recepção noturna na casa de um funcionário graduado, aceita

o convite um tanto ressabiado, vai até lá, bebe um pouco de champa-  
nha, retira-se sem ser notado e, logo a seguir, é assaltado na rua, onde  
lhe tomam o capote. Numa espécie de desvario, e fugindo a todas as  
suas características, a personagem procura ajuda para a reparação do  
roubo junto a um burocrata do alto escalão, mas é humilhado por  
este, vindo em seguida a morrer de desgosto. Dias depois, essa “alta  
personalidade”<sup>21</sup> é abordada por um fantasma que reclama a restituição  
do capote, e que termina arrancando-lhe o que ele vestia. O aconte-  
cimento espantoso cala em sua consciência, e dali em diante ele modera  
seus modos no trato com aqueles que estava acostumado a ofender.

Em um nível mais ou menos imediato, a leitura do conto aponta  
um resultado compatível com uma moralidade de cunho igualitário.  
Ao denunciar as mazelas de uma sociedade burocratizada e injusta, o  
sacrifício de nosso herói valeria em função de sua redenção *post mortem*. Sua história encerraria uma lição em defesa de uma huma-  
nidade comum a todos, descontados os degraus hierárquicos que o  
berço e a posição impõem ao convívio. Entre o reles amanuense e o  
figurão que o destratou haveria uma identidade de fundo, que vem à  
baila quando a consciência do segundo passa a ser assombrada pela  
sina cumprida pelo pobre diabo. Nessa linha de interpretação, é a  
intervenção de uma espécie de justiça transcendente que faz com que  
a figura do funcionário se avulte diante do seu superior, forçando-o a  
reconsiderar a improriedade de sua arrogância. A imagem de Gogol  
como cristão atormentado condiz com isso, e as palavras que o escritor  
faz ressoarem por trás das queixas do funcionário diante da imperti-  
nênciam de um colega novato parecem corroborá-lo: “Deixem-me! Por  
que zombam de mim?... Sou vosso irmão”.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Gogol. O capote. In: *A cidade do sossego e O capote*, p. 173. Paulo Bezerra usa a expressão “pessoa importante” em sua tradução. Ver Gogol. *O capote e outras novelas*, p. 48.

<sup>22</sup> *Ibidem*. p. 152. Paulo Bezerra, na edição mencionada, traduz: “Deixem-me em paz. Por que me magoam? ... Sou teu irmão” (p. 30).

Por outro lado, se não nos detivermos nessa primeira impressão, a história nos reserva uma feição inesperada. Se ela nos apareceu tristíssima, na trilha de uma apreciação compassiva da sorte do herói, basta um pouco mais de atenção para repararmos que o patético lá instalado pode implicar a presença de um senso de humor muito ativo. A coleção de detalhes mobilizados para apresentar ao leitor aquele Akaki Akakievich é a primeira pista de acesso à vertente cômica do conto. Gogol descreve em minúcias a gênese disparatada de seu estranho nome, e os traços miúdos de seu aspecto ordinário são anotados um a um. Seu cotidiano sem graça, sua casa e comida sem gosto e a nulidade de seus interesses – excetuada a cópia de documentos manuscritos, que ele exerce com zelo de amante – são pintadas com um colorido muito intenso, e este contraste faz rir. Como se exibido na casa de espelhos de um parque de diversões, o ridículo do personagem passa de pungente a hilariante, e nesta ambivaléncia encontra-se, para nós, o tesouro de sua história.

A cena já aludida, em que o funcionário encomenda o capote, inscreve-se no mesmo registro. A casa do alfaiate Petrovitch é um pardieiro, onde sua mulher “cozinhava peixe, e provocara tal fumarada na cozinha que não era sequer possível descortinar as baratas”.<sup>23</sup> O ateliê não passa de uma mesa de madeira, sobre a qual o homem está sentado, “com as pernas cruzadas como um paxá”<sup>24</sup> praguejando contra a agulha e a linha que tem nas mãos. Ficamos sabendo então que nosso herói mal consegue falar direito, se exprimindo

quase sempre mediante partículas gramaticais sem qualquer significado. Se o assunto era muito complicado, tinha por costume não terminar a frase, de modo que os elementos principais da oração eram precedidos das palavras “coisa, com efeito, absolutamente...”, e calava-se depois, supondo já ter dito tudo quanto pretendia.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Gogol. *O capote*, p. 157.

<sup>24</sup> *Ibidem*. p. 157.

<sup>25</sup> *Ibidem*. p. 158.

Decerto não são dificuldades compartilhadas pelo escritor, que obtém, através de cortes abruptos, condensações e deslocamentos muito ágeis, um banquete completo. Vale assinalar que o contraste entre a afasia do personagem e a proficiência do artista com as palavras reforça para nós a existência de mais de um nível de leitura para o conto. Não parece cabível que uma criação tão fecunda seja isenta de enigmas e possa encerrar uma mensagem unívoca. Assim, depois de combinado o serviço, saímos da casa do alfaiate trazendo emoções contraditórias, pois o fato de o funcionário sentir “um grande pavor em sua alma”<sup>26</sup> diante da despesa contratada é indissociavelmente penoso e engraçado.

A narração prossegue pelos mesmos caminhos até o desfecho já indicado. De passagem, convém observar que forma e conteúdo também estão entrelaçados nela de modo indissolúvel, parecendo-nos improcedente pensar que haja uma moral da história distinta da arte empregada para contá-la. Só faz sentido tomar “O capote” como um apólogo à custa de negligenciar o modo vertiginoso em que seu drama transcorre. Além disso, as estratégias formais de Gogol remetem a um mundo carnavalizado, aberto à pluralidade de sentidos. Sendo assim, a maneira de expressar um acontecimento ou um afeto sempre interfere em sua significação. Absorvidos na fruição de sua narrativa, tornamo-nos um pouco como seu herói, “que só por casualidade, quando lhe roçava pelo ombro o focinho de um cavalo e o vento lhe soprava no rosto...dava conta de que não se encontrava no meio de um parágrafo, mas no meio da rua”. Texto e mundo resultam contínuos e permeáveis um ao outro, em analogia com a relação entre forma e conteúdo no conto.

Um mundo assim concebido, sem direções fixas nem justificações morais provadas, nos interessa de perto. Talvez tomem-no

---

<sup>26</sup> Gogol. *O capote*, p. 162.

como um palco propício à encenação de paixões tremendas e inúteis, como a que consumiu numa rixa sem fim a amizade entre dois vizinhos, iniciada quando um deles chamou o outro usando um apelido bobo, e que cresceu a ponto de transformar-se numa batalha judicial sem vencedor, apesar de todos os esforços de uma cidade inteira em demônios do confronto – cuja narração Gogol conclui assim: “Ah, meus amigos, como é triste o mundo em que somos forçados a viver.”<sup>27</sup> É um caso lamentável, mas novamente fica aquém de seus desdobramentos mais importantes quem encontra em seu desfecho uma sentença moral contra a vida. Pois, para nós, o que é decisivo é o fato de haver histórias tão boas sobre assuntos tão espinhosos: por si só, isto enaltece a vida, independentemente das mazelas expostas.

Muito sofrimento atravessa a existência. Em vista disso, é um desafio difícil aprender a amá-la. A façanha do gênio de Gogol é mostrar o valor deste mundo absurdo, sem condenar nem salvar quem está nele. Uma comparação é oportuna: se, em Pascal, a desproporção entre os investimentos humanos e a idéia de eternidade é motivo de horror e de repúdio ao mundo, em Gogol desproporções desse tipo geram narrativas que nos animam para a vida contingente em que estamos mergulhados. Como anota Nabokov:

Após ler Gogol, nossos olhos podem tornar-se gogolizados e nós nos tornaremos aptos a ver pedaços de seu mundo nos lugares mais inesperados. Visitei muitos países e algo como o capote de Akaki Akakievich tem sido o sonho apaixonado deste ou daquele conhecido casual que nunca ouviu falar de Gogol.<sup>28</sup>

Aprendemos com Gogol que nossas aspirações mais altas podem não passar de miragens, mas jamais somos instados por ele a abandoná-las. Porque a possibilidade de criar sentidos eventuais através do

---

<sup>27</sup> Gogol. A briga entre os dois Ivens. In: *A cidade do sossego e O capote*, p. 68.

<sup>28</sup> Nabokov. *Nicolai Gogol: uma biografia*, p. 110.

jogo com as ilusões é a raiz de uma ética afirmativa, exercida por ele através de sua invenção literária.

Voltemos ainda uma vez a Tchekhov. Sua novela “Minha vida”<sup>29</sup> é o relato da crise de sentido que dilacera seu protagonista, mal sucedido em todas as tentativas de dar a ela uma solução, a partir de várias frentes. Esse Missail Poloznov abandonou sua classe de origem para viver como trabalhador braçal, em busca de autenticidade, com o que suscitou o ódio de seu pai e o desprezo daqueles aos quais foi se juntar, afinal muito brutais e destituídos de qualquer noção de grandeza. Encontrou o amor de uma mulher com idéias semelhantes às suas a respeito da educação dos pobres, mas isso durou pouco, em consequência de um cotidiano de trabalhos pesados e do desdém daqueles para quem os dois tinham se voltado. Em meio a tanto infotúnio, porém, o autor nos poupa de qualquer moralização, confirmando para nós um resultado bastante precioso: a construção de histórias como essas é um ato de louvor ao mundo e um convite à meditação sobre como nos tornarmos dignos de passar nosso tempo nele.

Um balanço final do nosso argumento conduz às conclusões seguintes. Do teor das narrativas estudadas, depreendemos que as limitações existenciais do que é humano podem e devem prescindir, ao serem vivenciadas ou contadas, do recurso a qualquer ideal metafísico. Isto porque, na companhia de dois artistas tão diferentes, encontramos uma mesma aposta: a inclinação a favor do poder transformador da narração que, nos casos em foco, se apropriou da condição dos homens no mundo a partir de seus aspectos mais problemáticos e produziu com esse material histórias esplêndidas. Os heróis aqui apresentados viveram catástrofes e experimentaram o lado duro da existência, mas foi exatamente graças a isso que seus criadores lançaram novas luzes e novas cores, tanto sobre sua existência de papel quanto sobre nossa

---

<sup>29</sup> Tchekhov. *Minha vida*.

existência em carne e osso. O circuito que passa pelos dois escritores, alimenta seus livros e nos atrai para perto deles diz sim à vida, realizando de modo exemplar o afirmativo, pois

Afirmar não é tomar a cargo, assumir o que é, mas liberar, descarregar aquilo que vive. Afirmar é tornar leve: não é carregar a vida sob o peso dos valores superiores, mas criar valores novos que sejam os da vida, que façam a vida leve e ativa. Só há criação propriamente dita à medida que, longe de separarmos a vida do que ela pode, servimo-nos do excedente para criar novas formas de vida.<sup>30</sup>

Sofremos muito com nossos heróis, é verdade, mas nos alegramos por último com a circunstância de eles existirem e de sua história ter sido acrescentada ao mundo, ali mesmo onde a proximidade do deserto já se fazia sentir.

---

<sup>30</sup> Deleuze. *Nietzsche e a filosofia*, p. 154.

## O que é a filosofia?

Há, de saída, duas noções a considerar. Indissociáveis mas também inconfundíveis, compõem uma articulação necessária para a emergência e a duração da filosofia em sua história. Referimo-nos a um regime discursivo peculiar e ao modo ou regra de vida que lhe corresponde. Mais exatamente: a pretensão de aferir a validade de qualquer declaração por exame de seu mérito racional, ligada à experiência de uma vida ordenada pelas determinações decorrentes de uma pesquisa nesse molde. Assim, nosso objeto são certas práticas discursivas – e, enfatize-se, o vínculo entre certos discursos e práticas – adequadamente designadas pela expressão “experiência do pensamento”.<sup>1</sup> Compromisso e reciprocidade entre seus termos constitutivos assegurariam a ambos condições suficientes para reivindicar legitimidade no interior da cultura.

O recurso a algumas lições básicas sobre as origens históricas do campo da filosofia é de muita valia para o balizamento inicial da

---

<sup>1</sup> Apesar de enormes diferenças relativas ao escopo, à erudição e aos resultados, cumpre mencionar o débito que o presente texto tem com a leitura de um ensaio admirável. As implicações da “experiência do pensamento” – e mesmo da “vida filosófica” – estudadas pelo medievalista Alain de Libera muito nos impressionaram, na medida em que se articulam em torno da “dimensão própria à vida de um filósofo, aquela de uma moral que se constrói a partir de, em e para uma certa visão de mundo, uma certa percepção, muito particular, do que constitui a realidade das coisas”. Assim, não obstante não haver coincidência entre os contornos da visão de mundo ali configurada e nosso próprio esboço a este respeito, buscamos nos aproximar de suas lições no que concerne à afirmação de determinadas virtudes que animam o trabalho intelectual típico da filosofia. Ver De Libera, *Pensar na Idade Média*, p. 18.

exposição.<sup>2</sup> O contexto de referência – Grécia clássica, séculos VI e V a.C. – dá a ver este nascimento como uma transição ambígua, porque marcada por continuidades e rupturas. É certo que existe uma complexa preparação espiritual mediando, por exemplo, a passagem das cosmogonias às cosmologias, cujas raízes estão fincadas em outras tantas transformações estruturais na sociedade e na política. Não obstante, nossa atenção está voltada para o que há de radicalmente novo no tipo humano obtido ao final do processo. Embora haja um ar de família alinhando práticas poéticas, religiosas, jurídicas e filosóficas, interessa-nos destacar nas últimas os traços que lhes conferem especificidade. Pois as exigências e prerrogativas próprias do filósofo e de sua comunidade são extremadas o bastante para constituírem consigo um caso à parte.<sup>3</sup>

É consensual na historiografia que a principal conquista inerente ao surgimento da filosofia foi uma espécie de naturalização das expectativas dos envolvidos em relação ao mundo e a si mesmos.<sup>4</sup> Aplicando às suas pesquisas e aos seus negócios os poderes bem concretos da racionalidade teórica e da argumentação, atraíram pouco a pouco dignidade e adeptos para sua novidade. A verdade demonstrada sem apelo ao costume ou à tradição mostrava-se capaz de promover uma outra tradição. Ao lado de resultados espetaculares – medições exatas, previsões acertadas e determinação de grandezas empíricas apenas por meio do cálculo – os praticantes da nova disciplina eram quase sempre participantes de uma experiência *sui generis*: o esforço de integração entre o pensado e o vivido em bases intelectualmente responsáveis.

A autonomia em relação aos assuntos da religião consistiu em reivindicação decisiva aqui. Não que a acusação de impiedade a esse

---

<sup>2</sup> Ver a esse respeito Detienne. *Os mestres da verdade na Grécia arcaica* e Chatelet. *Uma história da razão*.

<sup>3</sup> Encontra-se um exame muito abrangente dos temas sumariados em Jaeger. *Paidéia*.

<sup>4</sup> Ver a esse respeito Erler; Graeser (Org.). *Filósofos da antiguidade*.

e aquele tenha sido justa. A questão é bem outra, na medida em que o que conta não é o mérito da acusação, mas sua impropriedade. Isto é: jurisdições diferentes com regimes de prova diferentes implicam modos diferentes de avaliar o que se diz. O filósofo não refuta e nem sequer contesta as opiniões do homem religioso, porque a estimativa de validade delas está submetida a outras competências. Isto atravessa como um fio de ouro a história que nos ocupa, delimitando de forma inapelável suas margens de exclusão. A deliberação pública para se alcançar o sentido de algo, a discussão constante visando a uma apreensão conceitual clara da coisa em causa, a definição do melhor argumento como parâmetro último para uma escolha – tudo isso interdita a disponibilidade para o místico no domínio delimitado para o debate. Razões são o que importa – razões e sua viabilidade na implementação de uma forma de vida. De qualquer maneira, o difícil problema dos nexos entre o provado e o desejável, o verdadeiro e o bom, pôde ser, daí em diante, postulado para lá das injunções da estrita observância aos preceitos religiosos. Nesse ambiente, entende-se que ninguém está obrigado a nada senão àquilo a que o raciocínio e a persuasão o conduzirem.

Dessa maneira, o discurso e as condutas a ele ligadas só adquirem autoridade à luz de seu livre exame. A ocorrência de um diálogo é a imagem acabada disto. Agonístico e não dogmático, ele funciona como lugar de investigação da coerência de uma posição firmada, seja pela palavra, seja pela ação. Não resta dúvida, por outro lado, que um diálogo sempre pode encolher até converter-se em monólogo. Isto não é tão incomum quanto lamentável, e acontece quando a obrigação da oferta de justificativas para um ponto-de-vista é resolvida pela adesão a um fundamento. Aliás, não há dilema entre relativismo e fundacionismo, porque este último já não é mais filosofia, mas sua reapropriação pelo cultor do dogma. Fazer filosofia é, portanto, lançar-se numa investigação crítica interessada, cujo móvel principal é a liberdade. Qualificam essa liberdade uma disposição ativa para duvidar,